

AS REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE DIDÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA DE AUTOCRÍTICA EM MOVIMENTO

Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa - UFPE

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar nossa práxis pedagógica no período junho de 2022 à abril de 2024, no retorno das aulas presenciais, pós COVID 19, em confronto com as críticas mais recentes à didática anunciadas por Pimenta e alinhadas com as políticas de educação nacional. Neste sentido, corroboramos com o ideal de uma educação humanista e crítica, visualizadas na estrutura pedagógica categorizada por Libâneo e Saviani aqui tomadas como referências para o reconhecimento das implicações das relações entre teoria e prática nos seus aspectos políticos e pedagógicos propriamente ditos. Configura-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, cujos dados foram construídos a partir da observação participante e interpretados segundo a perspectiva de Bardin. No contexto da sala de aula, o componente de didática ofertado para cursos de licenciaturas diversas e pedagogia, procura evidenciar a formação ética, autônoma, crítica e, portanto, responsável tanto com a constituição do sujeito aprendiz quanto com a do sujeito professor. Nossas observações atestam que massivamente os estudantes não estão ambientados com uma gestão democrática que suscite a corresponsabilização pelo seu processo formativo e auto formativo, revelado através do negligenciamento com o currículo proposto. Isso é demonstrado, no descumprimento de prazos e na superficialidade das argumentações proferidas oralmente e através da escrita. Nossos resultados apontam para a urgência de equilibrar ao nosso ideal de educação as possibilidades concretas dos estudantes referentes a capacidade e vontade de se comprometerem com sua formação inicial de professor desconstruindo e ressignificando o modo como se aprende e construindo uma identidade docente.

Palavras-chave: Didática crítica, Práxis, Formação humana.

INTRODUÇÃO

Vamos nos abster de reconstituir a história da didática atravessada pelos contextos históricos e suas implicações na constituição da política educacional brasileira, bem como das muitas e pertinentes críticas cuja intencionalidade, cremos nós, sempre foi o de burilar a teoria que a fundamenta respaldando a prática pedagógica consciente e promotora de processos de ensino e de aprendizagem eficientes e eficazes. Deste lugar, demarcamos exatamente como ponto de partida para nossas pesquisas e reflexões a síntese de que à didática, metaforicamente, é a alma da ação educativa formal. É ela ou, melhor dizendo é através dela que se qualifica o que se ensina e se aprende.

¹ Profa. Dra. Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa. UFPE/CE. Kathia.barbosa@ufpe.br

Não obstante, a base teórica que nos subsidia é constituída a partir da concepção de didática de Comenius (2002), e ancorada nos intelectuais que há muito se dedicam a analisar a função da didática e as teorias pedagógicas em seus diferentes tempos e espaços de concepção e execução. Dentre eles destacamos Selma Garrido Pimenta, Ilma Veiga Passo, Pura Lúcia Martins, José Carlos Libâneo e Demerval Saviani dentre outros.

O 1º Encontro Nacional de professores de Didática (1972) oficializa no cenário nacional com maior ou menor publicização, o entendimento da didática como elemento central da prática docente. No decorrer do tempo, as críticas clarificam a intencionalidade do ato pedagógico alinhado com os fins da educação nacional. De certo que isso implica em analisar a didática contextualizada.

Reconhecida por uns e indesejada por outros, Pimenta (2019) dá destaque a fragilização da didática, cujo projeto neoliberal ressuscita o pragmatismo tecnicista e reduz, não apenas a organização pedagógica do ensino, mas, a identidade do professor. Retrocesso preocupante e perigoso, porque não se trata apenas da desqualificação deste campo teórico mais das implicações no processo formativo de toda uma nova geração de professores.

O desafio se amplia, quando a política gerencialista da educação se encontra com o cotidiano social da “era cibernética”. Ou seja, o modo como as novas gerações estão sendo expostas aos processos de aprendizagens, banalizando os processos interativos físicos, presenciais e naturalizando a superficialidade do conhecimento. As consequências desse contexto educacional, materializado na escolarização nos parece ilimitadas e nocivas aos ideais de uma formação verdadeiramente humanista.

Em síntese, compreendemos que as mudanças na política educacional brasileira são contraditórias ao ideal de educação crítica e humanista, e ineficientes na medida em propõem o uso de metodologias inovadoras (que nem sempre são de fato), cujo objetivo parece reduzido ao desenvolvimento de um protagonismo empreendedor, distanciado de uma formação geral mais consistente e crítica.

Ao olhar para este contexto, nos perguntamos: Como ressignificar a didática aplicada aos cursos de licenciatura em confronto com a atual política educacional, com as demandas sociais e os princípios de uma educação crítica consciente e humanista?

À classificação das escolas pedagógicas realizada por Libâneo (1992) e Saviani (1995), ainda que não contemplem às novas e atuais escolas, são edificadoras do modo de pensar a didática aplicada e implicada. Servem, portanto, como referência para analisar, como dito as proposições pedagógicas alinhadas aos seus ideais políticos e sua aplicabilidade no território

nacional, buscando responder “o que se procura com o gesto de ensinar?” (Rios, 2001, p.18) Uma pergunta aparentemente simples que demanda resposta complexa, por todas as implicações causais que dela deriva e, por isso mesmo em permanente construção.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é um estudo de caso, de natureza qualitativa ratificando que “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado”. (Chizzotti, 2006, p. 79). A construção dos dados foi realizada no período junho de 2022 à abril de 2024, através da observação participante, (Vianna, 2007), em nossas salas de aulas, na qualidade de professora de didática para cursos de licenciaturas diversas e pedagogia, na UFPE. Nossos dados foram significados segundo a partir da análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (1977)

A pergunta mobilizadora desta pesquisa é: “Como ressignificar a didática aplicada aos cursos de licenciatura em confronto com a atual política educacional, com as demandas sociais e os princípios de uma educação crítica consciente e humanista?” Nosso objetivo principal é o de reestruturar a nossa práxis, e nossos objetivos específicos são: 1. Analisar nossa práxis; 2. Confrontar a nossa práxis com as atuais críticas à didática na relação com as políticas educacionais vigentes.

A partir da autorreflexão da nossa prática à luz das nossas concepções e filiações teóricas, observamos como a organização pedagógica repercute na postura comportamental e na aprendizagem (explicitada) dos estudantes e se justifica pelo interesse e compromisso com a formação humana com melhor qualidade.

Verificamos a urgência de rever nossa práxis, na medida em que constatamos que massivamente, os estudantes não desenvolveram o auto compromisso com sua formação, comportando-se como receptores de conhecimentos. Assim, nossos esforços para significar esta etapa da escolarização, na condição de professor em formação inicial, não se cumpre com a qualidade e quantidade por nós desejada.

Sobre o que a repetição de comportamentos imaturos demonstrados nas relações e posturas comportamentais e interacionais e ausência dos estudos e leituras encaminhadas além do adiamento de entregas das atividades são atestadas por escritas e discursos rasos, sobretudo no que se refere a compreensão da interrelação das teorias e práticas pedagógicas com as políticas educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossos achados de pesquisas atestam que: 1. As relações de mediação do conhecimento construídas a partir de princípios democráticos que possibilitam inclusive a autonomia do discente para pesquisar e apresentar outras perspectivas teóricas para além do referencial bibliográfico sugerido pela docente, são desconsideradas e mesmo tomadas como falta de diretividade ou negligenciamento do ensino propriamente dito. Neste sentido, massivamente os estudantes acabam não realizando as leituras e aprofundamento teórico, se contentando passivamente a serem meros receptores de “aulas dadas”; 2. O emprego de recursos de ensino através de atividades lúdicas, são muitas vezes infantilizadas como se estas fossem exclusivas para as séries iniciais da escolarização (particularmente entre os estudantes de pedagogia), posto que os das licenciaturas, as significam como um tempo de flexibilização da aprendizagem rigorosamente científica, com relativa exceção se forem aplicadas através de recursos midiáticos; O uso de tecnologias da informação, pelas condições estruturais do nosso centro acadêmico, acabam sendo restringidos, porque nunca se sabe se as redes estarão acessíveis, e isso implicaria na apresentação dos resultados dessas atividades; 3. O modo operacional dos cursos de licenciatura são desconectados criando um campo de disputa entre as disciplinas específicas dos seus cursos e as disciplinas chamadas pedagógicas, inclusive no que se refere as relações interpessoais, como atestam os estudantes.

Os desafios são muitos, implicam em desconstruir um *habitus* referente ao modo de ser aprendiz, construir uma identidade docente alinhado aos ideais de educação e de formação humana de forma crítica e, portanto, ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados apontam para a urgência de equilibrar ao nosso ideal de educação as possibilidades concretas dos estudantes referentes a capacidade e vontade de se comprometerem com sua formação inicial de professor.

Em síntese, sugerem a urgência de ressignificar a minha práxis, com vistas a valorização da própria didática enquanto componente curricular alinhada criticamente as diretrizes políticas e pedagógicas da educação nacional e da didática, posto que, “as ondas críticas da didática



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

permanecem em movimento, abertas a novas ressignificações” como afirma Pimenta (2019, p. 54) e implicam na manutenção do movimento autorreflexivo da nossa práxis.

REFERÊNCIAS

BARDIN, LAURENCE. Análise de conteúdo. São Paulo: **Livraria Martins Fontes**, 1977.

CHIZZOTTI, ANTONIO. Pesquisa em ciências Humanas e sociais. 8 ed. São Paulo: **Cortez**, 2006. – (Biblioteca da educação. Série 1. Escola ; v.16)

COMENIUS. Didática Magna. Aparelho crítico Marta Fattori; tradução Ivone Castilho Benedetti. – 2ª ed. – São Paulo: **Marins Fontes**, 2002. – (Paidéia)

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo: **Edições Loyola**, 1992.

MARTINS, PURA LÚCIA OLIVER. Didática. Curitiba: **Ibpex**, 2008.

PIMENTA, SELMA GARRIDO. As ondas críticas da didática em movimento: resitência oa tecnicismo / neotecnismo neoliberal. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/337012036> . Acesso em 04 de jun. 2024.

RIOS, TEREZINHA AZERÊDO. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: **Cortez**, 2001.

SAVIANI, DEMERVAL. Escola e democracia. – 30ª ed. – Campinas, SP: **Autores Associados**, 1995. – (Coleção polemica do nosso tempo; v. 5)

VIANNA, MARELIM HERALDO. Pesquisa em educação: a observação. Brasília: **Líber Livro Editora**, 2007.